

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Última Hora (DF)

Class.: 34

Data: 20/04/86

Pg.: _____

Iana estuda para ajudar seu povo

Iana é uma índia da tribo Fulni-ô, de Pernambuco, há oito meses em Brasília. Ela tem apenas 26 anos e estuda enfermagem na Escola Paramédica, que, ela mesma paga com o salário que ganha da Funai, onde trabalha há 13 meses. Ela acredita que com seus estudos de enfermagem consiga ajudar seu povo a ter uma vida mais digna e menos sofrida. Nesta entrevista ela nos fala do Dia do Índio, as lutas e os problemas que milhares de nações vem enfrentando para sobreviver ao poderio econômico e político que desde Cabral vêm sendo exterminados. Eram cinco milhões de índios, hoje são apenas 220 mil.

Para você o que significa o Dia do Índio, hoje, na Nova República?

- É como se a gente estivesse de luto. Não é só pelos milhares de índios que já morreram exterminados pelo poder político e econômico no Brasil inteiro, mas também por estas mudanças na Funai que pegou o índio desprevenido. Ele não sabe o que vai acontecer. Na teoria existe muita coisa bonita, quando a gente pensa na prática a coisa é outra. A gente vê que a teoria fica um pouco fantasiosa.

O que você espera da Funai na Nova República?

- Não sei se porque o índio é por natureza desconfiado, ou talvez não exista esclarecimento. Tudo que eu vi até agora foi escrito, não foi falado. A pessoa quando escreve ela está juntando pensamento com o outro, enquanto que a pessoa quando fala, o primeiro pensamento que chega sai naturalmente, puro e verdadeiro. Apoená pode ter boa intenção, mas a força política econômica nas regiões é mais forte. Com este programa de descentralização poderá facilitar a

influência econômica, na alteração da política indigenista nos estados.

E na sua tribo em Pernambuco o que você guarda de ensinamentos? Como está sua família e a preservação de suas origens e cultura?

- Quando vim para Brasília e comecei a fazer o curso na Escola Paramédica pago com muito sacrifício, pensei um dia poder ajudar minha família. Quando estive na aldeia meus parentes sofriram de epidemia e febre, mas minha ajuda foi pouca. Éramos uma nação de beirada de mar e com a exploração da cana fomos sendo empurrados para a caatinga. Os índios no nordeste, como é o caso de minha tribo, são abandonados e desconhecidos. Vamos fazer 486 anos de resistência.

Quais os ensinamentos que você tem de sua tribo?

- Estive na minha tribo participando de um ritual no final de agosto e depois no começo de dezembro de 85. Dentro da nossa cultura começamos a aprender desde pequeno e aos 18 anos já sabemos de tudo e vamos colocar em prática. Na idade adulta vamos aprender outras coisas. Nesse ponto é como se fosse um mestrado. O que aprendemos temos guardado só para nós. Nossa cultura é conhecida de boca, não tem nada escrito. Até os nossos rituais são fechados.

Como você vê a nação indígena no Brasil e a demarcação de terras?

- O que mais me dói no Nordeste hoje é a demarcação dos pataxós. É uma vergonha para o Brasil. É uma das nações mais antigas e foi a primeira a sofrer. O nó da estória está no cacau. Se antes a terra não era demarcada, com a descoberta do cacau isso fica mais difícil, pois os poderes econômico e político predominam.